

A CONTRIBUIÇÃO DO HEBRAÍSMO PARA O MUNDO OCIDENTAL (*)

E' uma verdade de amplo domínio na história da civilização: encontram-se amalgamados na cultura moderna, três componentes que datam da antiguidade clássica: os elementos romano, grego e hebraico. De Roma recebemos nossas concepções de lei, de direito e, de certo modo, de política; êste mundo continua a viver na língua e cultura romanas, na estrutura canônica da Igreja. A literatura grega, transmitida à Europa medieval por árabes e judeus, difundida em traduções latinas, veio novamente a exercer influência direta, a partir da era do Renascimento, com o redescobrimto de seus tempos clássicos, estendendo-se suas grandes contribuições até nossos próprios dias, especialmente no domínio da filosofia teórica e da estética. Seria impossível desenhar um quadro fiel de qualquer das épocas do mundo ocidental, se se eliminassem de seu conjunto multicolor os componentes que, direta ou indiretamente, datam do hebraísmo ou cultura hebraica.

Não pretendemos apresentar relato algum da história judaica, em suas ramificações, nem coleção qualquer de biografias de grandes homens israelitas, de Moisés até Albert Einstein e Stefan Zweig (1). Tentaremos focalizar, em suas fases essenciais e evidentes, os entrelaçamentos existentes entre o mundo ocidental e o hebraísmo, seu modo de ver, seu estilo de pensar, sua *Weltanschauung* — filosofia da vida e do convívio humanos — seu ideal educativo.

O Velho Testamento como documento do Hebraísmo Clássico.

O assim chamado Velho Testamento, Bíblia do judaísmo, é a obra-mestra do hebraísmo clássico, escrito em hebraico, com ex-

(*) — Aula inaugural do Curso Livre de Hebraico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(1). — Uma história geral judaica resumida, com a respectiva bibliografia, foi publicada pelo autor na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. 100, sob o título: "O Caminho de Israel através dos Tempos".

ção de bem poucos capítulos (2). Duas funções devia ela assumir simultaneamente, no decorrer dos séculos e milênios: a de constituir e conservar, com suas leis, prescrições e proibições, a tribo judaica e seu convívio — função nacional — e a de ensinar a manter vivas uma concepção da divindade e uma ética de caráter universal, como foram proclamadas pelos profetas clássicos, cujas vozes de legisladores e de reformadores sociais ressoam através dos tempos até nossos dias (3).

Nessa Bíblia, milhões de entes humanos encontraram em tôdas as épocas reanimação, ensinamento, estímulo e nova alegria vitais. O teólogo berlinense Adolf von Harnock, em caso algum suspeito de filossemita declarou:

“A Bíblia é o livro da Antiguidade, o livro da Idade Média, e mesmo que hoje em dia esteja à venda nas feiras públicas, é também o livro da Época Moderna. O que significam, nesse sentido, Homero, os Vedas, comparados com ela?”

Elaboremos, em poucos traços, quatro das características da consciência ética dêsse hebraísmo clássico:

1 — O *monoteísmo* bíblico é pessoal, ético. Cultos astrais e ritos místicos da Antiguidade também tinham chegado à concepção monoteísta: suas divindades eram, todavia, indiferentes às preocupações, às aspirações, às atitudes morais dos seres humanos, muitas vezes nutrindo inveja da felicidade das criaturas. Êsse *Deus Único* da Bíblia é a personalidade paterna que ama a bondade, refuta a opressão, estabelece as normas positivas da conduta dos homens no seu convívio, prega a justiça, a fidelidade, a moral. Pensadores gregos e hindus talvez tivessem tido certo pressentimento, mais ou menos desenvolvido, dessa verdade (4); no hebraísmo, porém, proclama-se com voz alta pela primeira vez na cultura mundial, que entre Deus e a criatura existe a mútua relação do “Tu” (5).

2 — *A unidade do gênero humano e a fraternidade dos homens* são estabelecidas já na primeira página dêsse livro maravilhoso. Sendo *Deus* o *Criador Único* do Universo, tôdas as criaturas são filhas do mesmo Pai Celestial. Podem existir diferenciações entre as raças humanas, porém, jamais desqualificações no seio da família humana, que é uma só. Conseqüentemente,

(2). — Êstes são escritos em aramaico, língua da mesma família, idioma internacional do Oriente, durante alguns séculos, a partir de 400 antes da nossa era.

(3). — Foi Moisés Mendelssohn, israelita do século XVIII, que lutou pela emancipação dos judeus centro-europeus, que fez essa análise em seu *Jerusalem oder ueber religioese Macht und Judentum* (Moritz Brasch Moses Mendelssohn Schriften, vol. 2. Leipzig, 1881 pág. 365 em diante). Usando a linguagem de seus contemporâneos, interpreta Mendelssohn o judaísmo como “lei revelada”, que constitui a tribo, e ensina a “religião natural” (Monoteísmo: ética universal).

(4). — Como os ensinamentos de Platão, Buda, Confúcio, Sigmundo Freud declarou o monoteísmo bíblico herdeiro do culto egípcio solar de Heliópolis, dos dias de Amenofes IV: não vê em seu livro *Moisés* que os magníficos salmos solares egípcios não deixam de ser produto de um culto astral, sem projeção ética.

(5). — Em seus vários livros, Martin Buber, professor da Universidade de Jerusalém descreveu essa relação do “tu”; veja-se, por exemplo, *Das Koenigtum Gotes*. Berlim, 1932.

no sentido grego. A verdade é uma, o direito é um, de Deus. não há lugar para teorias de raças dominadoras e de “hárbaros” Com a fraternidade dos homens é — implícita — introduzida já no primeiro capítulo do Gênesis a idéia do “próximo”, no sentido do amor ao próximo, como êste é estabelecido no III Livro de Moisés (cap. 19, vers. 18), nos profetas e na ciência dos rabinos, o Talmud.

3 — *A Lei Social* é altamente desenvolvida (6). Sirvanos de exemplo o quarto dos dez mandamentos, em hebraico denominados de “dez verbos”, que determina a instituição do dia de repouso. A palavra *shabat*, dia de descanso, conhece-se na forma de *sabadu*, já na cultura babilônica, onde êsse dia é considerado época de sem-trabalho, em que os homens não viajam, ficando em casa, com medo e tremor, observando jejum, suplicando a reconciliação dos deuses invejosos, cruéis. Aquilo que, em Babel, é data de mau augúrio, na Bíblia se torna dia que pertence ao indivíduo, ao seu descanso físico, à sua cogitação sôbre qualquer assunto espiritual, sendo o trabalho quotidiano proibido, com tôda a severidade, a fim de assegurar um direito humano inalienável ao repouso. Enquanto na Antiguidade, sem exceção, os homens livres desprezam o trabalho, deixando todos os serviços aos escravos, aos quais não assiste direito ao descanso, o quarto mandamento prega a revolução social: “Não farão obra alguma nem tu, teu filho, tua filha, nem teu ‘servo’, tua ‘serva’...” Esta idéia judaica do direito ao repouso penetrou, como bem é sabido, profundamente na legislação moderna, através das grandes religiões.

4 — *O profetismo clássico* do Velho Testamento é obra de profundos observadores e entusiastas pregadores, conhecedores dos povos no seu convívio, nas suas relações recíprocas, sejam pacíficas, sejam bélicas. São provavelmente os primeiros a desenvolver as idéias de uma história e consciência mundiais. O que até seus tempos fôra escrito era história nacional, eram crônicas dos reis, relatos de episódios individuais, isolados. A concepção profética faz sentir dramaticamente que o gênero humano está envolvido em certos grandes processos, dos quais o mais evidente é que tôda fôrça se acha condenada a ser destruída por outra fôrça. Munidos dêsse conhecimento, proclamam a justiça internacional como o princípio criador e conservador da humanidade, batem-se pelo direito, especialmente o dos desprotegidos, na coletividade. As culturas antigas, em geral, baseavam-se nas premissas de que se perdeu a velha época áurea, para a qual o mundo há de ser reconduzido, redimido. Essa concepção estática é confrontada pelo dinamismo dos profetas, que lutam pelo futuro, que terá de ser melhor do que o presente ou passado. Nos tempos vindouros, o

(6). — A comparação com o código de Hamurabi, obra babilônica dois séculos mais velha que o *Pentateuch*, evidencia êsse fato. Veja-se “O Caminho de Israel”, cap. I.

mundo terá chegado ao reconhecimento geral da Lei Divina, com o seu direito, sua justiça, seu *shalom* (7). Esta palavra *shalom* não significa simplesmente a paz, a tranquilidade dum *Paradise Regained*, para citarmos John Milton; não é o produto de um raciocínio acadêmico, platônico, mas sim, a proclamação extática dos que anseiam pela era messiânica, em que todos enfim terão chegado ao mundo “cheio de entendimento”.

Êstes conceitos da era clássica saem de seu isolamento, quando o hebraísmo é confrontado com outras culturas. Tais processos se efetuam nos ambientes da *diáspora*, isto é, em Roma, Alexandria, Babilônia e no solo materno do Islão, durante a Antiguidade e o princípio da Idade Média.

O Hebraísmo em Roma; antes da era Cristã.

Houve em Roma, nos dias do Império, uma grande, abastada e bem organizada comunidade judaica. Apesar de terem surgido obras anti-semitas — lembremos o nome do escritor Apion — estava o meio romano em sua decomposição moral, profundamente impressionado com o nível ético e a fidelidade à tradição, mantidos com todo o rigor pelos judeus vindos como escravos depois da destruição de Jerusalém. Tão importante considerava a poderosa Roma sua vitória sobre o pequeno povo hebreu que concedeu um triunfo a Tito, o vencedor, o qual, todavia, se negou a, segundo o costume, adotar o sobrenome *Judaicus*, vencedor dos judeus, com receio de ser considerado judaizante. Pois tão grande influência exercia o hebraísmo, nesses dias de decadência, sobre as altas classes sociais, que um sem-número de famílias se converteu ao judaísmo. Popéia, espôsa do imperador Nero, e Márcia, hetaira do imperador Cômodo, a êle se converteram e, se alguns imperadores puniam êsse gesto, outros deixavam de fazê-lo por serem muito numerosos os grupos de nobres envolvidos. O judaísmo estava nas vésperas de se tornar religião mundial. Com amargura declarou Sêneca que “os vencidos impuseram sua lei aos vencedores”.

Hebraísmo e Helenismo

Uma das confrontações mais sérias e, ao mesmo tempo mais fecundas, talvez decisivas para o curso da civilização ocidental foi a do mundo hebraico com o helenismo, em seu próprio berço, a cidade de Alexandria. Enquanto na Palestina diminui a influência helenista por ser estranha ao judaísmo oficial, penetram no livrinho bíblico de *Kohelet* os vestígios do modo de pensar

(7). — A palavra *Shalom*, em geral, é inadequadamente traduzida como “paz”. Vide as obras de Ernst Troeltsch, *Das Ethos der Biblischen Profeten*, Berlim, 1916, e Leo Baeck, *Das Wesen des Judentums*, Frankfurt-Main, 1926, pág. 26 em diante.

grego, e, em Alexandria torna-se o hebraísmo poder espiritual internacional, em consequência da sua amálgama com a filosofia clássica. Naqueles dias, quando em Roma um prisioneiro de guerra traduz para o latim a “Odisséia”, o texto original da Bíblia é vertido para o grego, em Alexandria, e um livrinho apócrifo post-bíblico, a assim chamada “Carta de Aristefas” tenta explicar que, também, esta tradução, denominada “Setuagésima” é de inspiração divina. Dentre os muitos judeus que aderiram à escola filosófica da *Stoa* declarou Aristóbulo que os gregos, especialmente Platão, conheciam e se aproveitaram da Bíblia. Com esta tese, empreendeu ele aproximar os dois ambientes, o hebraico e o grego, um do outro, tarefa a que depois se dedicou Filon, filósofo judeu-alexandrino. Este ocupa lugar notável na história do pensamento humano: a ele se deve o desenvolvimento do dogma cristão. Suas teorias recusadas pelo judaísmo oficial, penetraram somente ao cabo de séculos nos grupos hebreus e a *Kabala* (mística israelita) foi por elas fecundada. Filon estava honestamente persuadido de que os ensinamentos de Platão já se encontravam na *Tora*, Pentateuco, e suavizou os relatos bíblicos por interpretações alegóricas, com o fim de harmonizar os dois conceitos. Como discípulo dos gregos, identifica o mundo das “idéias” platônicas com os anjos da Escritura, personificando a palavra Divina e equiparando-a ao *Logos* — razão — concepção fundamental da cosmologia das escolas da *Stoa*. Este modo de ver penetrou nas obras do jovem cristianismo, onde, como no primeiro capítulo do Evangelho de São João se fala de Jesús como sendo o *Logos* encarnado. A parte da literatura cristã dos primeiros séculos, que se chama *Gnostica*, descrita por Adolf von Harnack em seu livro sobre Marcion, é cheia de influência oriunda da parte da filosofia do *Logos* e filo-neoplatônico, e das chamadas teorias dos *Logoi-Spermatícoi*, forças germinativas.

Hebraísmo e Cristianismo

Não resta a menor dúvida de que o hebraísmo, especialmente na sua forma helenística, foi a mais poderosa raiz do cristianismo. Paulo empreendeu suas viagens através do Mediterrâneo, com a “Setuagésima” na mão e aproveitou-se dela para a propaganda da sua nova doutrina, nas comunidades judaicas, cujos membros, conhecedores da Bíblia, já estavam familiarizados com a concepção do Messias Salvador. Jesús não foi judeu somente por nascimento, e sim, por educação. Em toda parte, esforçam-se as cátedras de teologia, através de pesquisas do hebraísmo dos rabinos — o *Talmud* e *Midrash*, dos quais adiante falaremos — aprofundar o conhecimentos da jovem religião cristã. Não esqueçamos que todo o Evangelho cresceu em solo e atmosfera israelitas. Muitos detalhes são compreensíveis somente quando se tem em mente

que os Evangelhos, traduzidos da língua popular aramaica para o grego, serviam de “Mensagens” dirigidas aos primeiros aderentes, os quais eram judeus cristianizados. Muitas das parábolas entendem-se através do *Midrash* — explicação rabínica da Escritura — muitas sentenças típicas de Jesús se referem a discussões e pronunciamentos rabínicos. A Prédica da Montanha tem paralelos no Talmud, ciência dos sábios israelitas, em verso. Quando Jesús, por exemplo, é interrogado (*Ev. Mateus*, cap. 22, vers. 34-40) a respeito do “grande mandamento” — o resumo do seu ensinamento — responde na linguagem dos rabinos, usando o ensinamento do grande sábio hebreu, Hillel, uma geração mais velha do que êle mesmo. Cita o que êste tinha estabelecido como *Kelal*, mandamento fundamental da sua religião: o amor ao próximo — e a profissão de fé judaica do “E amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, tôda a tua alma e todo o teu poder” (*V. Livro de Moisés*, cap. 6, vers. 4). A formação do amor ao próximo, como Jesús a emprega, baseia-se no verbo do III Livro de *Moisés*, cap. 19, vers. 18, cuja tradução correta é: “E amarás ao teu próximo por ser êle igual a ti (um ser humano como tu mesmo)” e nas interpretações dadas pelos rabinos, como por exemplo: “Faze ao teu próximo o que queres que a ti façam”.

A hermenêutica paulina — explicação da Santa Escritura — na sua tendência oposta ao judaísmo oficial, quanto aos seus métodos, é idêntica à que praticam os rabinos, pois Paulo fôra discípulo dos sábios hebreus. Enquanto o *Midrash* — explicação bíblica dos rabinos — é utilizado para confrontar e refutar os ensinamentos da Patrística, a jovem igreja segue os métodos dos israelitas, empregando, muitas vêzes as suas parábolas e sentenças (8).

Quando o fiel cristão entra em um de seus templos, constata que a liturgia do serviço religioso obedece ao ritual observado nos templos bíblicos. Além de se citarem salmos e outros capítulos do Velho Testamento, encontra êle na igreja a lâmpada eterna, acesa diante do altar, o uso do incenso e de agua benta, a distinção entre leigos e sacerdotes, uma leitura pública da Bíblia, tudo isso lembrando a época bíblica, o santuário judaico. No batismo ficcu viva a instituição do velho banho ritual de imersão; na Comunhão a recordação da Ceia de Pascoa, o *Seder* israelita, para mencionarmos os dados mais atraentes.

Hebraísmo e Islão

Sem o Velho Testamento não poderia ter nascido o cristianismo, mas nem tampouco o islamismo. No conjunto vivo, multi-

(8). — L. Ginzberg, *Die Hagada und die Kirchenvaeter*, Amsterdão, 1892, e Felix Perles, *Die Erforschung des Nachbiblischen Judentums*, revista *Der Morgen*, Berlim, 1926, pág. 348 em diante.

color, resplandecente da religião de Maomé, enquadram-se personalidades e histórias bíblicas, como também se documentam opiniões, conceitos e sentenças dos rabinos (9).

A proibição irrestrita de usar imagens para fins religiosos, a concepção mais nítida no monoteísmo, a interpretação da personalidade profética, não como oraculista, mas sim, como pregador do Verbo Divino, até o próprio nome da Divindade, um sem número de detalhes do culto e estilo de viver e de se alimentar, fazem lembrar a influência direta do hebraísmo sôbre êste grande portador da cultura oriental.

O convívio entre árabes e judeus, fora de seus países de origem, foi de tal maneira leal e feliz, que, nos dois grandes centros, em Bagdá e em Córdoba, se desenvolveu um intercâmbio fecundo, nos séculos medievais, enquanto as nações européias ainda não estavam com a consciência de si próprias despertada, e, especialmente, nos domínios da filosofia e das ciências, receberam material, método e estímulo científicos de seus irmãos árabes e hebreus, como veremos logo adiante.

O Hebraísmo Medieval

Só um observador superficial poderia dizer que a obra do hebraísmo terminara com o Velho Testamento, amalgamada como foi pelo Novo Testamento no cristianismo. Mostramos como a teologia cristã, depois da redação do Velho e do Novo Testamento, teve convivência com um outro tipo de hebraísmo: o rabínico, também chamado talmúdico, medieval, post-bíblico. E êste entrelaçou-se, por um espaço de quase dois milênios, com a civilização européia, frutificando em todos os domínios do pensamento humano.

Já séculos antes de destruição do Estado palestinese, em 70 da nossa era, houve estudos e discussões acadêmicas, entre os sábios hebreus, que se dedicaram à importante tarefa de adaptar a lei, irrestritamente autoritativa, da *Tora* (*Pentateuch*), às situações mais variadas da existência judaica. Em 200 da era atual, 130 após a catástrofe nacional, foi êsse material erudito, pela primeira vez, fixado por escrito, fornecendo a base para considerações e trabalhos posteriores: êstes, igualmente visando a atualidade da vida, muitas vêzes mal interpretadas por seus adversários (10), formaram a partir dos séculos VI e VII, o que se chama *Talmud*, ciência, com as suas duas matérias: *Halaka*, legislação e *Hagada*, narração, prédica, teologica, folclorística, ciência natural, matemática, medici-

(9). — Especialmente dos tratados talmúdicos *Sachedrin* e *Barakhot*. Vide a obra de Ignaz Goldzliher *Vorlesungen ueber den Islam*, Heidelberg, 1925, e as obras ali citadas.

(10). — Travers Herford, *The Pharisees*, Londres, 1924 — e "O Caminho de Israel através dos Tempos", do autor. Para os historiadores da religião surgem dados interessantíssimos no conjunto dêsse hebraísmo rabínico, cuja língua, aliás, não é mais o idioma, mas sim, o que foi muitas vêzes chamado de hebraico novo, com a gramática simplificada, misturado com palavras aramaicas e estrangeiras.

na, astronomia etc. Ao mesmo tempo foram desenvolvidas, nas obras do *Midrash* (explicações que acompanham os versos bíblicos), as opiniões teológicas das gerações dos rabinos do Talmud.

Este esquema educativo, como já dissemos, desenvolvido em quase dois milênios, até a época moderna que, para os judeus, somente começou com a emancipação do século passado, não era, de forma alguma, restrito aos estudos teológicos, pois, por falta quase completa de dogmatismo, espalhou-se, desde a Antiguidade, por todos os campos dos interesses e do pensamento humanos; e nos *Ghettos* e na *judengasse* (bairro judaico) reinavam — quase sem interrupção — o espírito livre de pesquisas, a veneração da ciência, o que, em outras partes, nem sempre se encontrava (11).

A Função do Hebraísmo na Idade Média

O mundo moderno teve seu início com o Renascimento, êsse redescobrimto dos tesouros da Antiguidade, que tanto emocionou o homem medieval, transformando seus horizontes intelectuais. Mas não é correto dizer que se reencontrou a literatura grega no século XV, pois já há séculos, êste mundo tornara a ser acessível aos europeus, por meio de traduções latinas. A “Renascença Latina” fêz surgir vultos como Dante, Petrarca, Geoffrey Chaucer. A parte que o hebraísmo desempenhou nesse processo foi de suma importância; pelo menos preparou o terreno psicológico e intelectual para o êxito formidável que o grande Renascimento do século XV alcançou. Os judeus eram os intermediários entre os grupos que viviam no Mediterrâneo: de um lado, os gregos, possuidores da grande herança, porém, inconscientes de seu imenso valor, e os árabes, conservadores de suas grandes obras clássicas, em seu próprio idioma, obras, pois, inacessíveis aos eruditos europeus e, de outro, o mundo latino-romano, ávido de receber instrução direta acêrca da filosofia e ciência gregas. Esta herança clássica, estudada por homens como Avicena, Averroes, Alfarabi, especialmente na Espanha meridional, foi desenvolvida e traduzida para o hebraico por judeus, aos quais o árabe era língua familiar, da mesma família. Ela chegou depois, em versões latinas, feitas por monges cristãos, às mãos européias. Foram três os centros dessas atividades:

(11). — Profundamente impressionante é o martírio que recomendam os rabinos, em prol da mais rigorosa manutenção do nítido monoteísmo, e que sofrem as massas como *Kiduch-Hashem*, “Santificação do Nome Divino”, enquanto não existe quase cidade alguma no solo europeu que poupe seus judeus da expulsão, da qual teriam sido isentos, se se curvassem ante a fôrça, abandonando sua fé. Neste conceito cresceram e se conservaram os princípios mais elevados da tolerância religiosa, como as chamadas “Sete Leis de Noé”, estabelecidas como fundamento moral e social para um convívio humano entre indivíduos de credos diferentes. Essas regras exerceram certa influência nas teorias da filosofia da Lei Natural. Dois outros princípios de tolerância, desenvolvidos pelos rabinos nos primeiros séculos da nossa era, estão em franco contraste com a exclusividade que reinava em outros grupos: “Os justos de todos os povos participam do mundo vindouro” e “A Lei do Estado é Lei obrigatória” (M. Gutmann, *Des Judentum und seine Univelt*, Berlim, 1927).

a Itália e a Sicília, o Sul da Espanha e, principalmente a Provença, ponte entre a península Ibérica e a França, onde famílias inteiras de tradutores judaicos, como o famoso grupo dos Ibn Tibbon, desempenharam essas funções de transmissão.

Foi por feliz coincidência que a falta dum dogmatismo severo, da parte do judaísmo, permitiu que os hebreus transmitissem à Europa todo o vulto das ciências antigas, como os estudos matemáticos, a medicina, a astronomia, além da filosofia (12).

O Hebraísmo na Filosofia Medieval

A gratidão com que o mundo europeu aceitou êsse sistema intelectual, científico e filosófico, baseado nos ensinamentos enciclopédicos do aristotelismo, foi grande, tão profunda que tudo foi recebido quase sem crítica. O documento clássico é a “Divina Comédia” de Dante, cujo Universo é do mundo árabe-judaico, com a apresentação de personagens bíblicas ao lado dos homens da mitologia antiga.

Essa aceitação quase irrestrita produziu conseqüências das mais interessantes. Na Idade Média citava-se, em tôda parte, um filósofo Avicébrôl (Avicébron), considerado com sua obra *Fons Vitae* pensador cristão, porta-voz da metafísica neo-platônica, em cujas opiniões se apoiavam o grande franciscano Alexandre Hales e Duns Scotus, no século XIII, ao abandonar o aristotelismo (13). Ora, em meados do século passado, conseguiu Salomão Munk, em Paris, verificar que essa *Fons Vitae* era a tradução latina do *Mekor Chaym*, de Salomão Gabirol, judeu espanhol. O fato de ter sido possível confundir o filósofo hebreu com um cristão exemplifica, mais do que tudo, a unidade essencial da cultura européia e seus entrelaçamentos com o hebraísmo.

A grande obra da filosofia medieval judaica, inspirada pelo aristotelismo clássico, o *More Nebukhim, Doctor Perplexorum* de Moisés Maimônides (1135-1204), aparecida no auge da era judeu-espanhola. Êste livro, escrito em árabe, logo traduzido para o hebraico, e por monges cristãos para o latim, transmitiu o conhecimento de Aristóteles e de sua metafísica aos vultos da escolástica, Alberto Magno e Tomaz de Aquino. Sua primeira versão foi reeditada em Paris, em 1520, revista e de novo publicada em 1629 pelo hebraista cristão Buxtorf em Basiléia e em Paris por Munk, em 1856-66. Ela influiu profundamente na obra de Spinoza, no sentido positivo e negativo, estimulou as pesquisas sociais e polí-

(12). — A língua castelhana, como hoje é conhecida, criou-se por meio de traduções de obras-mestras árabes, feitas por judeus, por ordem do rei Afonso, o Sábio, no século XII, o qual, como prova seu código de *Siete Partidas* nem sempre foi judeu-filo. Veja Cecil Roth *Jewish Contribution to Civilisation*, Oxford, 1943, pág. 42 em diante, que se baseia em *Jewish Contributions to Civilisation* de Jacob.

(13). — Sua doutrina baseava a essência de Deus mais na vontade do que no intelecto.

ticas de homens como Bodin, Selden, Hugo Grotius, a antropologia moderna no *Law of the Hebrews*, de Spencer, em 1685, estendendo a sua influência até Leibniz, Moisés Mendelssohn, Lessing, Herder, Goethe, Hegel, representantes do espírito germânico, e a escola do neo-kantismo, fundada no fim do século passado pelo judeu Hermann Cohen.

Hebreus foram também o primeiro grande crítico do aristotelismo, Chasdai Crescas (1340-1410), e Levi Ben Guerson, mais nacionalista ainda do que Maimônides, que exerceu, através de seu livro "Controvérsias por Deus", certa influência sobre as teorias de Kepler. Demorando-nos mais um instante com Spinoza, lembremos que sua "Ética" tem por base "a matemática e a cultura rabínica", para citarmos seu maior admirador, Goethe. Como dissemos foi êle adepto do *More Nebukhim*, e, com a disposição da matéria em cinco livros, é óbvio que pretendia escrever um novo Pentateuco para o gênero humano, o qual da forma mais rigorosa, mantém a unidade de Deus, nos seus atributos de espírito e natureza.

O Hebraísmo e a Mística

Enquanto se desenvolvia o racionalismo filosófico, ocorreu uma revolução no pensamento popular, que foi a mística. Dificilmente se pode superestimar a influência que a *Kabala* mística hebraica exerceu sobre essa "doutrina secreta".

A mística dos judeus nasceu na ânsia religiosa pela redenção dos sofrimentos medievais. Enquanto na Itália, em um ambiente mais sereno, se escreve poesia religiosa viva, brilhante, especialmente na pena de Eleasar Kalir, não deixa de ser melancólico, abafado, o que os judeus alemães compõem, devido à situação trágica em que são forçados a viver durante séculos. São, todavia, dois hebreus da Alemanha, Eleasar Ben Jehuda, de Worms, e Jehuda Hechassid (o piedoso) de Reguensburgo, com seu famoso "Livro dos Piedosos", que na sua simplicidade e sinceridade religiosas influem profundamente na *Kabala* e nas obras místicas dos alemães: Heister Sckehardt e, séculos mais tarde, Jacob Boehme.

A *Kabala* clássica, com o *Sefer Habahir* (livro esclarecido), e mais ainda, com o *Zohar* brilha pelas suas raízes neo-platônicas, influiu na *Ars Magna* de Raymundus Lullus, nos místicos espanhóis, no veneziano Zorzi, no alemão Agripa da Nettesheim, e, por meio de Johann Reuchlin e Pico de Mirandola, espalhou-se por tôda a Europa, nos tempos do Renascimento. A teoria metafísica do espaço, nela desenvolvida, chegou ao conhecimento do italiano Patrizzi e de John Locke, que teve conversas a êsse respeito com Isaac Newton, Giordano Bruno e o neo-platonista de Cambridge, Henry More, bem como John Milton, o criador do epodo bíblico inglês, estudaram essa mística judaica. Os famosos *Dialoghi de Amori* do judeu Juda Abrabanel, do século XVI, que con-

têm elementos da *Kabala*, influíram no livro *Il Cortegiano*, de Castiglioni, e na transformação do ideal aristocrático do *Knight* (servo) no do *gentleman* (cavalheiro), dos séculos XVII e XVIII (14).

O Hebraísmo Medieval e a Filologia

Os estudos filológicos do hebraico tiveram início no ambiente islamita, foram aí incentivados e conduziram judeus e maometanos às primeiras descrições comparativas do hebraico, aramaico e árabe.

Sua época importante começa, naturalmente, com o Renascimento e chega até o ponto em que as traduções da Bíblia Hebraica influem decisivamente na formação das modernas línguas européias. As obras lingüísticas medievais abriram o caminho para a poesia, na era áurea espanhola, onde viviam, nos felizes séculos XI e XII, Salomão Gabirol, filósofo e poeta, e Jehuda Halevi, médico e poeta, adepto de Ghazali, o representante da escola filosófica do *Kalam*.

Verificou-se que as coleções de parábolas e lendas, reunidas nos famosos contos de “Mil e Uma Noites” e nas *Gesta Romanorum*, transmitiram ao mundo europeu, em parte, também material folclorista de origem judaico-rabínica (15). Não analisamos, neste conjunto, se as respectivas coleções receberam o material diretamente do *Talmud* e *Midrash*, ou se a tradição judaica e os redatores das “Mil e Uma Noites” tiveram as mesmas fontes.

Muitos dialetos mistos judaicos oferecem material abundante para os estudos da filologia comparada. O mais conhecido é o *Ydish*, que conservou como idioma vivo o alemão medieval (*Mittel-hochdeutsch*) do poeta Walter von der Vögelweide. Também conhecemos um dialeto judeu-espanhol do século XV, falado ainda hoje nos Balcãs e na Turquia. Houve um judeu-português que se empregava na Holanda, existe um judeu-árabe, judeu-persa, etc. Ao mesmo tempo encontram-se nos comentários hebraicos muitas palavras tiradas do ambiente não-judaico, como nas obras de Rhasi, Rabi Salomão Ben Isaac, do século XI da Provença, de maneira que êsses trabalhos oferecem tesouros para o estudo dos idiomas medievais — árabe, grego, latim, provençal, francês, alemão, italiano, eslavo, etc. (16).

*

(14). — Cecil Roth, *Jewish Contribution*, pág. 162-3.

(15). — Paul Lagarde e Josef Perles: *Zur Rabbinischen Sprach und Sagenjunde*. Breslau, 1873.

(16). — Steinschneider, *Arabische Literatur bei den Juden*, 1902, e Blondheim, *Les parles judéo-romains e La Vetus Latina*, Paris, 1925.

*O Hebraísmo e as outras ciências na Idade Média e nos
umbrais da época Moderna*

Tôdas as ciências receberam na Idade Média contribuições por parte do hebraico (17). A matemática desenvolveu-se desde que o sistema de números romanos foi substituído pelos algarismos árabes. Os judeus colaboraram no processo que levou este novo sistema numérico da Índia para a Arábia, da Arábia para o mundo romano. Mui conhecida é nesse terreno a ação de um homem chamado Johannes Hispalensis, identificado como o judeu Ibn Daud.

Na astronomia contam-se, entre os cientistas, a partir de 800 até 1800, mais de mil personagens judaicas. O próprio Papa Clemente VI mandou traduzir do hebraico para o latim, 136 dos 237 capítulos das "Controvérsias por Deus", de Levi Ben Guerson, que tratavam da astronomia. Baseando-se nas indicações de Levi, fabricou-se a Vara de Jacob, usada por Vasco da Gama, Magalhães e Cristovão Colombo. Em fins do século XV, confiou o rei d. João II a uma comissão de três homens, entre eles os dois judeus João Rodrigo e José Vizinho, a incumbência da elaboração do astrolábio. O israelita Jehuda Crescas fez em 1376 o primeiro mapa-mundi, que foi usado durante séculos. Abraão Zacuto, professor da Universidade de Salamanca, forneceu o material náutico e seus cálculos astronômicos para o empreendimento de Cristovão Colombo. O *Magnum Opus* do cristão-novo Pedro Nunes, editado em 1537, em Lisboa, serviu de livro básico para os astrônomos náuticos portugueses durante séculos.

Conhecida é, em tôda parte, a grande aptidão dos hebreus no domínio da medicina, desde os tempos bíblicos. O historiador da medicina, Karl Sudhoff, mencionou, com razão, que a instituição do dia do descanso e as prescrições higiênicas, que acompanham os estatutos do culto, foram um ótimo meio profilático; juntemos a estas verificações o fato de que os próprios sacerdotes eram instruídos na diagnose e na terapia das doenças da pele perigosas e contagiosas. Na era talmúdica, as experiências e os estudos da arte de curar foram bastante alargados. Quando se iniciou na Espanha, o convívio entre os judeus e os árabes, os hebreus travaram conhecimento com a antiga medicina grega.

Em todos os países do Mediterrâneo houve famosos médicos israelitas; Jehuda Halevi, o poeta israelita da Espanha, era médico; Maimônides era médico com idéias que se nos apresentam como modernas, quanto à psicologia, à profilaxia, ao esporte etc.; o judaísta Moritz Steinschneider enumerou 2.168 médicos israelitas no ambiente árabe. Em Salerno e em Montpellier, nas

(17). — M. Schleidon, *Die Wederbelegung der Wissensächften im Mittelalter*, 1877.

afamadas escolas de medicina, formaram-se os judeus às centenas, e papas, imperadores, príncipes, muitas vezes contrariando as proibições existentes, confiaram sua saúde aos cuidados de hebreus. No século XIII mandou o Conde de Flandres vir um médico judeu da Inglaterra para sua corte; embora fôsse proibido aos judeus residirem na Grã-Bretanha, o rei Henrique IV contratou um médico israelita da Itália. A Espanha, a França, a Itália, o Vaticano, Portugal, os Países-Baixos, a Dinamarca, a Rússia, a Turquia conheceram médicos da corte que eram judeus e, a partir do século XVI, cristãos-novos cuidaram da saúde dos reis da Espanha e de Portugal.

O marrano Garcia D'Orta publicou em 1563 os seus "Colóquios dos Símplices e Drogas da Índia", livro básico da medicina tropical, durante a época do Renascimento: Cristobal Acosta, o "Africano", editou, em 1578, em Burgos, seu "Tratado de Drogas e Medicina das Índias", aproveitando as próprias experiências feitas nas suas viagens para a África e para as Índias. Entre os judeus e cristãos-novos portugueses, eram médicos afamados: Amatus Lusitans (João Rodrigo), graduado em Salamanca, que exerceu sua profissão no século XVI como médico do Papa, depois em Ferrara e Salônica; Rodrigo de Castro e Fernando Mendes, médicos conhecidos em Londres.

A era da arte tipográfica encontra, nos judeus, em seus dois centros, Itália e Península Ibérica, seus primeiros grandes entusiastas, como a família dos Soncino. Em Portugal data a tipografia hebraica de 1478 e a de textos não-hebraicos provavelmente só de sete anos mais tarde. Realmente, dos 24 livros conhecidos, impressos em Portugal antes de 1500, os primeiros onze são hebraicos. E, ao constatar isso, havemos de ter em mente que se trata do período da expulsão dos israelitas, os quais levam a arte consigo para Fez, no Marrocos, e outros lugares. O número de incunábulo hebraicos é bem elevado em todos os países.

Na Sicília, com uma comunidade de apenas cem mil judeus, fundou-se em 1466 uma completa universidade hebraica, com todas as faculdades, exemplo que vinte anos mais tarde começou a produzir frutos na Itália do Norte. Seus institutos de ensino e de pesquisas tiveram a importante função de auxiliar a transmitir a Antiguidade clássica a um mundo que estava prestes a "renascer". Entre os sábios gregos, que foram para o Ocidente, após a queda de Constantinopla, em 1453, estava o aristoteliano Elia Del Medigo, de Creta, que em 1480, foi para a Universidade de Pádua, onde exerceu influência relevante sobre Pico de Mirandola e Marcílio Ficino.

O Hebraísmo e o Renascimento

O Velho Testamento, com suas cenas e personalidades, era a literatura com a qual o mundo cristão esteve familiarizado du-

dante tôda a Idade Média. Jovens e velhos, eruditos e analfabetos, conheciam a Bíblia mais do que qualquer outro livro. Onde a Igreja indicou e formou o estilo de pensar e do convívio social, o Velho Testamento não chegou a exercer influência direta, mas foi contemplado no conjunto da tradição cristã da filosofia e das leis canônicas. Os livros, cujos relatos incentivaram a fantasia, forneceram material para a poesia popular anônima, para a anedota, para a comédia e para peças teatrais de mistérios (18). É provável que, nos países onde reinava a Inquisição, o estudo do Velho Testamento, de forma aberta, tenha sido suprimido, devido o perigo de tais estudos serem interpretados como tentativas de “judaizar”.

A inspiração bíblica na arte plástica e na pintura foi de tal importância que três quartos dos quadros pintados antes do século XV apresentam material, caracteres e cenas bíblicas, sejam do Velho, sejam do novo Testamento. A arte do Renascimento, na Itália, não poderia ser imaginada sem os episódios familiares, como a Criação, a vida dos patriarcas, os profetas. Pensemos nas esculturas e nos quadros de Miguel Angelo! A pintura holandesa foi a primeira a romper com a tradição eclesiástica na arte, mas estava longe de se revoltar contra a matéria bíblica. Rembrandt vivia no ambiente judaico, inspirado por êle, atraído pelo seu dinamismo e sua dramaticidade, mais do que pelos seus valores espirituais. Êle pintou hebreus, os dos tempos antigos e os seus contemporâneos e ilustrou um livro para o rabino holandês Masso ben Israel (19).

A parte que os judeus tomaram na Reforma foi mal-entendida, pois os que proclamaram o retôrno à Bíblia, por seus adversários chamados “judaizantes”, não eram hebreus, e sim cristãos. Os judeus não se interessavam pelas disputas, enquanto sua situação civil continuava a mesma sob o regime católico, como sob o protestante. Uma exceção se deu, sòmente, com alguns cristãos-novos da Península Ibérica, os quais, compulsoriamente batizados, se tornaram ambiente favorável à doutrina reformista, participando da sua propaganda na Flandres, onde um descendente de judeu, Marco Perez, era líder calvinista, em Antuérpia.

O Renascimento baseava-se no retôrno aos textos verídicos, originais, antigos. Quanto à Bíblia era acessível durante séculos e séculos, sòmente na versão oficial latina da *Vulgata*. Com o fim de estudar a “Terceira Língua”, o hebraico, e ler o original bíblico, os interessados tiveram de se utilizar de professores israelitas, os únicos que possuíam o texto legítimo e a chave de sua interpre-

(18). — Daehmland, *Natursagen I. Sagen zum Alten Testament*, Leipzig, 1937.

(19). — O grande pintor espanhol Bartolomé Bermejo, de Córdoba, era cristão-novo e dedicou-se, na sua arte a matérias bíblicas. *Rembrandt, The lanes and the Bible*, Filadélfia, 1945. Franz Landsberger.

tação. Assim como na Itália os sábios estudaram com professores gregos a filosofia de Platão, os humanistas Lutero, Zwínglio, Melanchton, Tyndale e Serventus foram instruídos por rabinos na língua e literatura hebraicas; Johann Reuchlin, por exemplo, recebeu lições do rabino Jacob Loans, médico do imperador alemão Frederico III, e de Obadia Sforno, na Itália (20). Elia Levita, hebraísta e humanista judeu-italiano, foi convidado por Lutero para o cargo de catedrático de hebraico da Universidade alemã de Wittenberg, não aceitando, porém, a proposta.

O interesse não se restringiu ao texto bíblico, extendendo-se também à literatura rabínica e interpretação das Santas Escrituras. Desde então houve sábios cristãos a dedicarem-se aos estudos do hebraísmo. Assim, enquanto se destruía pelo fogo o panfleto que Reuchlin escrevera em favor do *Talmud*, contra as cartas dos “homens obscuros”, a Sorbonne, de Paris, criou a primeira cadeira de hebraico.

O sucessor de d. Manuel, rei que expulsou os judeus de Portugal, em 1497, admitiu que o Renascimento encontrou seu país em condições de progresso cultural, porque o caminho já havia sido parcialmente preparado pelos eruditos judeus portugueses. E é de notar que um dos grandes romances portugueses desta era “Menina e Moça”, de Bernadim Ribeiro, foi pela primeira vez publicado por um judeu, Usque, em Ferrara, em 1554.

O Hebraísmo e as Línguas Modernas

A influência literária das escrituras hebraicas foi enorme. Em muitas línguas européias foi a Bíblia o primeiro livro a ser traduzido, criando-se com esta obra os idiomas modernos e iniciando-se uma nova tradição literária. Este processo esteve em maior evidência entre os povos nórdicos e europeus.

O caso mais impressionante é a versão da Bíblia por Lutero, que marcou o começo da vida do alemão moderno e de sua literatura. Com o fim de achar a *Hebraicae Veritas*, consultou Lutero os livros de Nicolau de Lira, exegeta franciscano do século XIV, o qual, de sua parte, se baseava nas obras do grande comentarista bíblico, Rabi Salomão ben Isaac Rashi, nascido em 1040, em Troyes, cujas explicações são até hoje o meio indispensável para o estudo do *Talmud* e do Velho Testamento. Em 1933, aconteceu-me, na Alemanha, ser ameaçado de internamento em um campo de concentração por ter afirmado que o alemão moderno se formou tendo por base a herança hebraica. O próprio Lutero não viveu no espírito da Bíblia, pois, era político e como tal se

(20). — E' interessante notar que Reuchlin pregou em sua gramática hebraica, editada em 1506, que a sabedoria grega era dependente de fontes hebraicas, da maneira como Filo, o Helenista, o afirmou. (W. Schwarz, *The theory of translations in the 16-th century*, Alemanha em *The Modern Language Review*, Londres, vol. XV, de outubro de 1945). Para os pormenores acima, veja Cecil Roth, pág. 60.

recusou a um movimento social das massas camponesas, em 1525, as quais, escravizadas, tinham proclamado que ansejavam por que se lhes applicasse, nem mais nem menos, do que a lei social do Deuteronomio.

Nos últimos três séculos da história inglêsa, em que se collocaram os fundamentos para o grande Império, a Bíblia foi a summa palavra em literatura e legislação, o *epos* nacional, com o qual estavam familiarizadas tôdas as camadas sociais; e é sabido que até os nossos dias o conceito da educação anglicana repousa na Bíblia como um dos seus mais sólidos e mais importantes fundamentos. Incalculável tem sido o estímulo dado ao mundo de língua inglêsa pela versão incomparável, “autorizada” pelo rei James no ano 1611. Geração após geração ouvia sua música, suas sentenças, e, intencionalmente, ou, sem o saber, citavam-se suas frases, suas parábolas, até que entraram no inglêso — como nas demais línguas modernas — formando e enriquecendo seu estilo, criando muitas palavras novas, extraídas da leitura das Escrituras Sagradas. Enquanto os judeus ainda não eram tolerados nos territórios da Grã-Bretanha, seu espírito estava presente em Westminster, quando nasceu esta “tradução autorizada” de 1611, pois os seus redatores se utilizavam dos livros de um grande comentarista judaico, Rabi David Kimchi, de Narbonne, chamado na tradição israelita *Kedak* (21).

Chegamos ao ponto de apresentar um resumo da influência hebraica sôbre a literatura mundial. No século XIII começaram os judeus a escrever em espanhol; a primeira obra foi “Aforismos Catalanos”, de Juda Bonselior, de Barcelona (1287-1305). Um livro clássico são os “Provérbios”, de Santob Ben Carrion, dedicados a Pedro IV de Castela (meados do século XIV). Entre os cristãos novos espanhóis, é Luiz Ponce de León o maior lírico da língua castelhana, que encontrou na Bíblia suas inspirações. Em 1270 nasceu, na Itália, Immanuel de Roma, poeta israelita, que se inspira na poesia bíblica e árabe. Sua obra mestra é *Mahberet Immanuel*, escrita no estilo e na disposição da “Divina Comédia”, de Dante, com o qual era ligado por laços de amizade. De Dante já falamos ao referir-nos ao renascimento italiano. Os “Autos” dos grandes dramaturgos espanhóis não se utilizam somente de motivos da Bíblia cristã. De Calderon possuímos autos sôbre Isaac, Rute e Absalão. De Lope de Vega chegou-nos às mãos uma dramatização do Gênesis.

Ao que verificamos, a era clássica da literatura portugêsa ainda não foi analisada quanto ao seu entrelaçamento com o hebraísmo. Gil Vicente, o genial fundador do teatro portugêso, com

(21). — Seguindo este exemplo, fizeram-se em todos os países nórdicos novas versões da Bíblia em língua nacional.

as suas figuras cheias de côr e de movimento, é o cronista sutil e irônico dos costumes e dos homens de seu tempo, o crítico da sociedade portugueza na sua nova constituição, conseqüente aos grandes descobrimentos marítimos. Nos autos sacros, como “da Alma”, dos “Reis Magos”, na “História de Deus”, com o emprego de tipos do paraíso e do inferno, é fiel ao ensinamento católico, sem receber uma influência direta da Bíblia Hebraica. O “Judeu Explorado” pertence ao conceito do seu drama social. Mesmo que sua obra não fôsse dedicada à glorificação luminosa dos descobrimentos, representa sua linguagem, na história da língua, o ponto de transição da forma arcaica para a forma moderna. . .

Vibrando através dos oceanos, batida pelo vento revôlto das tempestades, a língua portugueza voltava mais opulenta ainda, com as galas rítmicas, que “no contacto com as línguas orientais, vestiam de estranhos fulgores a sua máscula beleza latina” (22).

Luiz Vaz de Camões, o maior gênio lírico do século XVI, deixou-nos uma formosa paráfrase do Salmo 131, *Super flumina Babylonis*, as redondilhas *Sobolos Rios*. . .

“Camões da mesma maneira que os espíritos mais cultos da Renascença, possuía vastíssima instrução humanística. . . Da língua de Vergílio assenhoreou-se a tal ponto que às vêzes a frase portugueza nos “Lusiadas”, por nimamente conforme ao tipo latino, perde um tanto a limpidez. . . Bastantes passos das suas obras dão testemunho de que também o cativava a leitura da Bíblia. . .” (23).

O índice dos nomes-próprios que se citam nos “Lusiadas” menciona de fato um número apreciável de personalidades do Velho Testamento. Não é de constatar, todavia, uma influência direta do hebraísmo, em um ambiente que prescrevia a pré-censura, exercida pela Inquisição.

Na França, Racine, entre muitos outros escritores, emprega material bíblico (24). Shakespeare vivia na segunda geração após a edição da “tradução autorizada”, a qual ainda não chegou a exercer influência direta sobre sua obra. Mas é sabido que também êle amou o Gênesis, Job, os Provérbios, Eclesiastes, Isaías e seu espírito. Velhas lendas, como as da *Gesta Romanorum*, outras de origem judeu-italo-espanhola, foram por êle aceitas, assim como por seu compatriota mais velho, Geoffrey Chaucer. O ponto culminante da influência da “tradução autorizada” é marcado no século XVII pelo vulto de John Milton, hebraísta criador do *epos* bíblico, e que nas suas viagens para a Itália, em 1637-39, se en-

(22). — Vide Oscar Pratt; Gil Vicente, *Notas e Comentários*, Lisboa, 1931, 12 266-67.

(23). — Vide *Os Lusiadas de Luiz de Camões comentados por Augusto Epiphânio da Silva Dias*, Pórtó, 1910, pág. XVIII; veja também o respectivo índice de nomes próprios.

(24). — I. Frénel *L'Ancien Testament et La Langue Française*, Paris, 1904.

controu com judeus eruditos. No século passado foi Lord Byron quem se inspirou nas Escrituras Sagradas.

No fim do século XVIII associa-se, na Alemanha, aos dois modos de ver é interpretar a Bíblia, o dogmático e o pragmático, um terceiro: o de lhe admirar a beleza. Na obra rara de Johann Gottfried Herder, *Vom Geist der Hebraeischen Poesie* (Do Espírito da Poesia Hebraica), publicada em primeira edição em 1782, verifica o autor que “a beleza tem seu lugar bem perto do trono de Deus”.

O ponto culminante desta época é marcado por Goethe que, educado pela mãe no pietismo alemão, se tornou profundo admirador do Velho Testamento. Seu poema dramático, “Fausto”, baseia-se na concepção do mal no mundo tal como se apresenta no livro bíblico de Job, cujo primeiro capítulo serve de modelo ao “Prólogo no Céu”, cena introdutora do drama em que o autor expõe a sua filosofia da vida (25). Também se encontram muitas referências ao livrinho bíblico de *Kohelet* e a diversas cenas do Velho Testamento, enquanto a segunda parte do “Fausto”, com um certo misticismo, se relaciona com fontes cristãs medievais. O famoso historiador da literatura, Konrad Burdach, escreveu um trabalho premiado sobre “Fausto e Moisés”, comparando os caracteres dessas duas figuras.

Um paralelismo atraente e notável encontra-se na filosofia moderna da Alemanha. Deixando de lado investigações acêrca da influência do hebraísmo nas teorias da tolerância que nasceram na Inglaterra puritana, verificamos que a ética de Emmanuel Kant, em suas exigências, como o imperativo categórico, se encontra em um paralelismo perfeito com os ensinamentos morais do Velho Testamento. E não é, pois de admirar que, no começo dêste século um judeu, Hermann Cohen, se tornasse fundador da grande escola filosófica do neo-kantismo, e produzisse uma obra das mais interessantes e atraentes: a construção duma ética kantiano-bíblica, descrita em seu livro: *Die Religion ver Vernunft aus den Quellen des Judentums* (A religião da razão, na base das fontes judaicas), enquanto outros sistemas filosóficos, como o neo-escolástico e a fenomenologia se aproximam da concepção cristã; a fenomenologia foi fundada pelos judeus Edmundo Husserl e Max Scheler e a escola do “Elan Vital”, pelo judeu Henry Bergson. Deixemos, porém, de lado a grande contribuição judaica em todo o domínio da psicologia moderna, da qual falaremos mais adiante.

O Hebraísmo na formação dos Estados Modernos

Os puritanos da Inglaterra constituem o exemplo típico para demonstrarmos até que ponto o Velho Testamento conseguiu tor-

(25). — Deutschlaender, *Goethe und das Alte Testament*, Frankfurt, 1923. Bierschowsky, *Goethe*, 2 vol., Munich, 1910.

nar-se código religioso, político e secular. Florescia então o estudo do hebraico em todo o mundo britânico, sonhando-se com esperanças messiânicas. Um dos oficiais de Oliver Cromwell propôs que se constituísse o Conselho do Estado por setenta homens, seguindo o exemplo do Sinédrio rabínico; outro propôs, no Curto-Parlamento, que se introduzisse a lei mosaica como lei estadual. O próprio Cromwell aspirava harmonizar o Velho com o Novo Testamento, idealizando uma equiparação da teocracia puritana ao povo israelita de Deus (26). Tão vivas foram as esperanças messiânicas, que o rabino Manasse ben Israel, de Amsterdão, em seu panfleto “Esperança de Israel”, dirigido a Cromwell com o pedido de readmitir os judeus na Inglaterra, se referiu ao fato dos profetas bíblicos pregarem que a era messiânica chegaria somente depois de ter sido Israel distribuído entre todos os povos do mundo. O argumento não falhou. Este foi o fundo político e religioso que os *Pilgrim-Fathers* levaram à Nova Inglaterra, na América e que os fez sonhar com uma Comunidade teocrática, igual àquela em que viviam os filhos de Israel “nos velhos e bons dias antes da era monárquica”. Houve na sua comunidade homens cultos, eruditos, hebraístas, entre outros 77 ministros religiosos. As leis do Código de Harvard estabeleceram em 1655, que todo estudante aprendesse grego e hebraico como disciplinas obrigatórias, e que, no exame, traduzisse *ex-tempore* qualquer capítulo do Pentateuco.

Renunciando à autoridade das leis, adotou a colônia de Plymouth, em 1636, o *Pilgrim-Code*, cujo preâmbulo reza:

“Deus deu a Israel julgamentos justos, leis fiéis, exemplares e baseadas de tal modo nos princípios da equidade moral, que todos os cristãos deveriam ter sempre seu olhar para êle dirigido, quando tiverem de criar suas constituições políticas”

O *Body of Liberties*, da colônia de Massachussets, que data de 1647, quase reproduziu a lei do Pentateuco, trazendo para cada parágrafo uma referência bíblica. As leis do *New Haven-Code*, de 1655, baseiam-se em sua maioria em prescrições do Velho Testamento. Roger Williams, campeão da liberdade civil e religiosa, era hebraísta, profundo venerador da Bíblia Hebraica. A literatura político-teológica dos dias da luta pela independência está cheia de referências ao Velho Testamento e procura derivar os princípios políticos dêsse espírito clássico. Tomaz Paine, o grande publicista da revolução, cita a Bíblia Hebraica contra o Reino Britânico (27).

(26). — A idéia da eleição no judaísmo restrita ao fato de ter Israel recebido a Lei Divina — foi por ter sido êle o escolhido a fim de ser servo de Deus, sofrendo pela eleição (*Deuterosejaia*), contribuiu para que os puritanos desenvolvessem o Império. *Jewish Tracts*, Cincinnati. N. 8; *Judaism's Influence in the Foundation of the Republic*. Vejam-se também Ns. 11, 15, 17 e 29, da mesma série.

(27). — Lecky, *Rationalism in Europa*, 1919.

Dentre as três famosas cartas de Washington, dirigidas a comunidades judaicas com o fim de lhes agradecer a grande contribuição para o bom êxito da luta pela independência, refere-se a missiva endereçada aos judeus da Savannah, a ensinamentos do Velho Testamento.

O famoso *Liberty Bill*, de 1753, traz a citação do III Livro de Moisés, cap. 25, vers. 10: "Proclamai a liberdade através do país, a todos os seus habitantes!". Na tarde do dia da Declaração da Independência, reuniu-se uma comissão composta de Benjamim Franklin, John Adams e Thomaz Jefferson, a fim de elaborar o selo oficial da nova república, o qual recebeu como desenho o motivo de Moisés na frente do Faraó, com os dizeres: *Rebellion to tyrants is obedience to God*.

Um relato acêrca da influência do hebraísmo na formação da República Norte-Americana declara (28):

"As duas maiores forças, imediatamente responsáveis pela construção da República Norte-Americana, emanaram, geograficamente, da Nova Inglaterra e da Virgínia. Ambas estavam enraizadas na Bíblia: uma, por meio do Puritanismo, no Velho Testamento; a outra, por meio da Igreja estabelecida, no Novo Testamento. A confluência destas duas correntes, juntas ao Deísmo, criou a filosofia espiritual e social que gostamos de chamar "Americana".

E Lecky, em seu famoso livro sôbre *Rationalism in Europe*, resumiu: *The hebraic mortar cemented the foundations of American Democracy*.

O Espírito colonizador dos judeus sefardins

Quando falamos da influência dos conceitos hebraicos sôbre a formação dos modernos Estados, temos de encarar outro grupo de fatos, altamente interessantes. Os judeus sefardins, portugueses, estavam à procura de novos lares, expulsos que haviam sido da Península Ibérica, quando os descobrimentos marítimos alargaram o horizonte do homem europeu. Êstes sefardins, diferentes dos judeus centro-europeus, acabavam de viver uma das éras áureas da história israelita. Êstes eram homens de largos horizontes, de iniciativa, de energia, comparáveis aos "Grandes" castelhanos, na educação e no modo de viver. Sabiam enquadrar-se, com grande êxito, nos pontos nevrálgicos do comércio internacional, seja levantino, seja o novo ultramarino (29). E não sômente isso: fun-

(28). — Obra citada: *Jewish Tracts*, N. 8, pág. 20; Lecky, *Rationalism in Europe*, 1919.

(29). — O sociólogo berlinense, Werner Sombart, publicou, em 1911, *Die Juden und das Wirtschaftsleben* (Os judeus e a Economia), livro em que afirmou que os hebreus estariam destinados a dominar no capitalismo, cujas teorias corresponderiam à educação rabinica. A obra, com tôda a razão, acerbamente criticada pelos israelitas, é uma interessante coleção de dados, os quais, todavia, são erroneamente interpretados, devido aos preconceitos que impediram que o autor fôsse objetivo em suas pesquisas.

daram companhias coloniais na Holanda, mais tarde na Inglaterra, por meio das quais se fundaram as bases para os futuros impérios. Não os encontramos somente nos escritórios das diretorias dessas companhias; o que é muito mais importante, os judeus sefardins foram para os novos territórios, como fiscais, administradores, fazendeiros, exportadores, neles introduzindo novos ramos de plantações, do açúcar e do fumo, como por exemplo no Brasil, onde, dest'arte se deram as primeiras épocas do florescimento da economia colonial. Em todos os centros ultramarinos, nas Índias Orientais e nas Índias Ocidentais, até os nossos dias encontramos essas velhas e conceituadas famílias sefardinas.

Exemplifiquemos agora o que afirmamos acima, de modo resumido, na história da colaboração judaica do Brasil (30).

Os judeus e a civilização brasileira

A influência civilizadora emanou no Brasil dos três grandes centros, Rio, São Paulo e Recife, onde os israelitas portugueses e espanhóis, sefardins, desenvolveram muita atividade. Recife, como centro espiritual e econômico, é uma fundação judaica, com os hebreus, então chamados "mascates", em oposição aos nobres instalados, com o govêrno, em Olinda. Nessa região nortista floresciam os engenhos de açúcar; aí teve seu ponto de partida o comércio de exportação dos produtos naturais; aí teve a Inquisição de restringir seu rigor, pois os cristãos-novos eram grandes fazendeiros, cuja colaboração se provou indispensável para a manutenção da economia colonial.

Aí floresceram os Cavalcanti, donde saiu o primeiro cardeal brasileiro e sul-americano. Aí viveu o famoso Bento Teixeira Pinto, judeu do Pôrto, o primeiro poeta que no Brasil publicou uma imitação camoniana, a "Prosopopéia". No Rio encontramos Antônio José da Silva, o restaurador do teatro português, executado em Lisboa pela Inquisição. Em São Paulo, êste espírito tenaz e empreendedor, descobridor de minas de ouro e fundador de cidades, é de fundo israelita-sefardin. Não resta mais dúvida quanto à origem hebraica de João Ramalho, o patriarca de Piratininga (31).

Pode-se dizer que êsses antigos centros continuam ainda hoje o que sempre foram: os pontos culminantes do progresso brasileiro, com uma cooperação ativa da parte judaica, na vida espiritual e econômica, especialmente no domínio da industrialização do país durante a segunda guerra mundial.

(30). — Refiro-me ao que disse no meu "O Caminho de Israel através dos Tempos", no capítulo "Os Judeus nos Tempos Coloniais". Ao mesmo tempo reconheço, sinceramente grato, as importantes sugestões que recebi do ilustre prof. dr. Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo.

(31). — Refiro-me ao artigo que publiquei, em conjunto com Júlio de Gouveia, no "Estado de São Paulo", a 15 de fevereiro de 1945.

Esta colaboração fecunda verificada no Brasil que descrevemos como exemplo, corresponde, *mutatis mutandis*, ao processo da fundação e do desenvolvimento de todos os centros latino-americanos.

O renascimento do Hebraísmo na Era Moderna

A partir dos tempos da “Emancipação Civil” dos israelitas, que ocorreu em duas fases, no fim do século XVIII nos países democráticos e em meados do século XIX nos demais Estados, torna-se enorme, quase incalculável, a cooperação judaica no desenvolvimento da civilização atual. Em meio do progresso inaudito da economia, da técnica e das ciências, dão os hebreus, como cidadãos de seus países, em pé de igualdade mais ou menos assegurada com os demais grupos étnicos, uma contribuição eficiente, muitas vezes essencial, em todos os domínios da atividade humana. Uma imensa fertilidade cultural teve origem no encontro dos dois mundos, o da educação judaica e o do espírito europeu. Não é possível nem necessário fazer a este respeito uma coleção qualquer de nomes, que sempre ficaria incompleta. Conhecida é a cooperação hebraica nas ciências, nas indústrias, nas finanças, na jurisprudência, na biografia, na filosofia e, mais do que tudo, na psicologia moderna, nas artes aplicadas, na literatura, no drama, na invenção, nos descobrimentos, nas explorações, na sociologia, na política, na imprensa, no cinema, etc. (32).

Reações contra a emancipação dos semitas criaram novos movimentos de renascimento judaico. A “Ciência do Judaísmo”, fundada nos decênios críticos do século passado, na Alemanha, desenvolveu-se como ramo próprio de atividades acadêmicas, inspirado pelos métodos do filósofo berlinense Hegel, dedicado ao esclarecimento do judaísmo, sua história, religião, sociologia. Nela se reúnem os nomes célebres dos grandes judaístas e rabinos da Alemanha, da Inglaterra, da América do Norte e, hoje em dia, da Palestina (33).

Houve, já no século XVIII, outra tentativa de renascimento do hebraísmo: Moisés Mendelssohn, filósofo e lutador pela emancipação civil dos judeus, revivificou na revista *Hameassel* (o colecionador) o hebraico como língua falada e criou escolas judaicas com o fim de amalgamar a cultura européia com a hebraica. A leste desse continente renasceu esse idioma no processo de esclarecimento, chamado *Haskala*, o qual, partindo da tradução de obras da literatura mundial para o hebraico, deu nascimento a uma nova poesia e literatura originais. Desde que, no fim do século

(32). — Recomendamos: Artur Ruppín, *Soziologie der Juden*, Berlim, 1932, 2 vols.; e Cecil Roth, *Jewish Contributions*.

(33). — O fundador foi Leopoldo Zunz com sua obra-prima: *Gottesdienstliche Vorträge der Juden*; historiadores são Heinrich Graetz, Simon Dubnow, Ismar Elbogen, Cecil Roth; teólogos e judaístas: Leo Baec, Martin Buber, Franz Rosenzweig.

passado, Mendele Mocher Sefarim publicou seu poema *Sussati* (Minha Cavalhinha), nele idealizando a exigência trágica e heróica de seu povo, o florescimento desta nova literatura é marcado, nas suas etapas, pelo vulto de Achard Ha'An, inspirador do hebraico como língua falada na coletividade dos *chaluzim*, pioneiros palestineses; por Perez o escritor-trabalhador, e encontrou o seu auge em *Chaym Naschman Bialik*, comparado na sua lírica com os salmistas, e Jehuda Halevi, da época espanhola. Por intermédio de casas editôras, como o *Divir* (recinto), por Bialik instalado na cidade palestinese de Telaviv, é fecundo o desenvolvimento dessa nova cultura, e na Universidade Hebraica de Jerusalém, fundada em 1925, o povo israelita e o mundo podem ver o primeiro lugar em que as pesquisas científicas, são feitas na velha língua bíblica ressuscitada.

O hebraísmo moderno ainda não se tornou literatura mundial por dois motivos: sendo muito jovem, a maioria das suas obras não é ainda conhecida em traduções; depois, as grandes e profundas preocupações que oprimem a alma judaica impediram que se criasse o ambiente livre, sereno, indispensável para o florescimento cultural. Esperamos que em solo próprio, em ambiente libertado da opressão física e espiritual, a velha e experimentada capacidade do judeu fará com que um hebraísmo renascido cresça, com seus novos aspectos, não isoladamente, mas sim, em contacto e harmonia íntimos com o mundo por que todos ansiamos, como a expressão legítima da paz, justiça e liberdade, pelas quais lutamos na guerra que se findou.

Característicos do Hebraísmo Moderno

Além desses fatos atuais significativos pelo renascimento da própria língua e civilização judaicas, exerce o hebraísmo uma influência profunda, indireta, cujos característicos apresentamos a seguir.

E' notório que a sinagoga é uma das mais experimentadas, talvez até a mais velha das instituições democráticas. A palavra, tradução de *Bet Haknesset*, significa "lar da coletividade". Este é regido pelos princípios da mais rigorosa igualdade de todos, ricos e pobres, das classes altas e baixas. Até o próprio rabino não é, nesse sentido, destacado do leigo, sendo somente *primus inter pares*, devido a sua cultura pessoal. A todos assiste o mesmo direito e a mesma obrigação de votar e de resolver as questões vitais da coletividade. E estas não abrangem somente o culto, mas também a educação e a justiça social. Todos têm o direito de receber instrução, que todo o pai tem a obrigação de conceder a seus filhos (34), pois, praticamente, jamais houve analfabetismo. Todos gozam da proteção social.

(34). — O *Talmud* estabelece que um pai que não cuida da instrução dos filhos educa-os para ladrões.

Foi essa instituição fundamental do convívio judaico que fez o hebreu democrata por convicção. E existe outro motivo a mais, as experiências feitas em dois milênios, a tragédia da perseguição e da difamação fizeram com que o judeu, forçosamente, por uma lei que se lhe tornou natural, esteja ao lado do progresso espiritual, intelectual, moral, ao lado da justiça social, do esclarecimento e da educação das massas, enquanto seus adversários são, em tôda parte, adeptos da reação contra o liberalismo e o progresso.

A educação baseada na tradição judaica da família e da comunidade, as experiências da sua própria vida, determinam o lugar do hebreu na primeira linha de combate pela nova ética social e internacional. E' típico que o programa dessa ética é cada vês mais idêntico às velhas leis e conceitos do Pentateuco, às proclamações dos profetas, criadores da consciência mundial. Não é por mero acaso que essa substância que jaz no fundo da alma israelita se manifesta nas mais diversas formas. Muito grande é o número de juristas judaicos de fama mundial, desde os dias talmúdicos, em que as "Sete Leis Mosaicas" estabeleceram os princípios do convívio dos homens, influindo no *Jus Naturale et Gentium* do alemão Hugo Grotius e nas teorias do jurista inglês Selden. Lembramos os modernos comentários jurídicos feitos por homens como Laband, Staub e Goldschmidt. Grande é o número de psicólogos e biógrafos judaicos. Relembremos só três nomes: Levi Muehl, Sigmund Freud e o saudoso Stefan Zweig, pois, quem experimentou o sofrimento, se aprofunda no estudo do caráter dos homens e dos povos.

Imensa foi e continua sendo a colaboração dos judeus em tôdas as instituições de caráter democrático no mais amplo sentido na palavra, como caridade, na ajuda organizada, na puericultura, nos estabelecimentos de proteção à infância e às mães pobres, nas instituições e na medicina sociais.

A porcentagem de israelitas condecorados com o Prêmio Nobel é muito alta. Entre sete americanos, encontram-se, por exemplo, dois judeus, enquanto os hebreus representam só um por cento da população do hemisfério ocidental.

A maior parte dos israelitas que receberam o prêmio são médicos, conhecida como é sua capacidade nesse gênero de atividade; depois, ocupam êles o segundo lugar, numericamente, como detentores do Prêmio Nobel de Paz. Grandes são seus esforços pela paz mundial; muitos são fundadores e membros de sociedades pacifistas. Um parente longínquo meu, Hugo Preuse, criou e redigiu a Constituição Alemã de Weimar, em seus princípios inspirada num espírito nitidamente democrático. O pacto Kellogg, de Não-Agressão, de 1928, foi elaborado pelo judeu Levinson, de Chicago. Por outro lado, constatamos um profundo amor patriótico, nascido do espírito da dedicação à justiça. Muitos foram os judeus que lutaram pela independência da América do

Norte; houve descendentes de hebreus, José Furtado de Mendonça e Hipólito José da Costa, entre os publicistas brasileiros que prepararam os ânimos para o acontecimento nacional de 1822. Jamais se apagou na alma do hebreu o que o profeta Jeremias proclamara aos exilados de Jerusalém, no famoso capítulo 29: “Edificai casas e habitai nelas; plantai jardins e comei os frutos dêles... Buscai a paz da cidade, para a qual fiz que fôsseis levados... e orai por ela a Deus: pois na sua paz, vós tereis paz...”

Resumindo a explanação sôbre o caráter do hebraísmo moderno, referimo-nos ao que disse, em outubro de 1945, o juiz israelita-americano Simon Rifkind, conselheiro do general Eisenhower para questões de judeus deslocados na Europa (35): “Tenho fé na sua capacidade (do judaísmo, hebraísmo) de aumentar o valor e a dignidade da personalidade humana, incrementar a fraternidade entre os homens, pregar conscienciosamente a subjugação do homem à moral e justiça, cultivar humildade, clemência e amor ao próximo, manter o alto respeito pelos estudos, ciências e nitidez de espírito, e conduzir seus aderentes ao caminho da paz, da justiça social e da democracia. Eis os frutos que a humanidade colheu no jardim do judaísmo”.

Conclusão

A influência do mundo hebraico na civilização ocidental — sua contribuição, direta e indireta, através das grandes culturas cristã e maometana — é tão importante que, assim o creio, constitui um dos fatores decisivos para o reajustamento do convívio humano e para o fortalecimento da consciência mundial em nossos dias. Não se ignora a existência de vozes que lamentem essa afirmação. Duas razões se podem apresentar em resposta:

1. — Não poderíamos imaginar o aspecto dêste mundo sem a contribuição a êle dada pelo hebraísmo;

2. — O historiador Mommsen disse que os judeus são o “fermento da decomposição”. Esta expressão de sentido anti-semita, tem o seu justo significado em um conceito reversivo, muito mais amplo do que imaginava seu autor (36); pois, onde quer que se combata pelo entendimento mútuo entre os povos e as raças, pela educação da juventude nos ideais clássicos da humanidade, onde quer que se aspire a um mundo melhor, progressista, apresenta-se êste fermento, a herança dos grandes profetas do gênero humano, êste povo que por experiência milenária, jamais deixará de sonhar e lutar pelo bem da humanidade.

Os grandes centros europeus, com seus tesouros da cultura e dos estudos hebraicos, estão em ruínas. Israel, porém, o Israel físico e espiritual, com suas idéias e seus ideais, sobreviveu às fôr-

(35). — *Aufbau, Reconstruction*, Nova York, outubro de 1945.

(36). — Agradeço esta explicação ao meu caro mestre, o rabino Dr. Leo Baeck

ças de todo êsse mal indescritível. Silenciados os cantos de ódio, continuam os salmos bíblicos a ser entoados nos templos das grandes religiões, em gratidão pela libertação obtida.

Houve sempre no Brasil entusiastas dos estudos hebraicos, não se podendo esquecer o nome de D. Pedro II. Em tôda parte de nosso vasto País reina profunda e sincera veneração pelos eternos valores e tesouros morais e espirituais da humanidade. Inclino-me diante das autoridades universitárias de São Paulo, de tôdas elas, perante o espírito desta metrópole, que mais uma vez se tornou pioneira, ao criar a primeira cátedra de estudos hebraicos na América Latina, contribuindo destarte para que se fortaleça o entendimento entre os povos e as raças e se possa educar a juventude no espírito clássico, essa juventude que marcha serenamente para o futuro e para a grandeza da Pátria e do gênero humano, livre, aberta a tôdas as grandes idéias, jamais infectada pela mais terrível das pragas de que sofrem outros povos e continentes: o preconceito racial e intelectual.

FREDERICO PINKUSS

Professor do Curso Livre de Hebraico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Bibliografia Sumária

- Jacobs — *Jewish Contributions to Civilisation*, Nova York, 1916.
- Cecil Roth — *Jewish Contribution to Civilisation*, Oxford, 1943.
- Abrahams — *Jewish Life in the Middle-Ages*, Londres, 1896.
- Artur Ruppín — *Soziologie der Juden*, 2 vols., Berlim, 1932.
- Artigo: *Bibel*, *Enciclopaedia Judaica*, Berlim, Eschkol, 1932.
- Artur Sakhein — *Das Juedische Element in der Weltliteratur*, 1924, *The Jewish Encyclopaedia*, Nova York, 1901-07.
- Frederico Pinkuss — *O Caminho de Israel através dos Tempos*, São Paulo, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 100.
- Felix Perles — *Die Erforschung d. Nachbibli, Judentums, Morgen*, 1926. *Jewish Tracts*, ed. Cincinnatti.
- Ismar Elbogen — *A Century of Jewish Life*, Filadelfia, 1945.
- Julius Gutmann — *Philosophie des Judentums*, Muenchen, 193.
- Jacob Gutmann — *Die Scholastik des 13 Jahrhunderts*, Breslau, 1902.
- Moses ben Maimon — *Sein Leben, seine Werke*, Leipzig, 1908-1914.
- S. Schechter — *Studies in Judaism*, 2 vols., Filadelfia.
- Travers Herford — *The Pharisees*, Londres, 1924.